

## DIAS DE PANDEMIA: O DE SEMPRE E O PORVIR

## PANDEMIC DAYS: THE USUAL AND THE FUTURE

## DÍAS DE PANDEMIA: LO DE SIEMPRE Y EL PORVENIR



Traduzido por:

Nylcéa Thereza de Siqueira PEDRA  
Professora  
Universidade Federal do Paraná  
Setor de Ciências Humanas  
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas  
Curitiba, Paraná, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/3384979297707711>  
<https://orcid.org/0000-0003-1088-4260>  
[npedra@hotmail.com](mailto:npedra@hotmail.com)

Rafael Ginane BEZERRA  
Professor  
Universidade Federal do Paraná  
Setor de Educação  
Departamento de Teoria e Prática de Ensino  
Curitiba, Paraná, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/9365203078252174>  
<https://orcid.org/0000-0001-5979-5192>  
[rginane@gmail.com](mailto:rginane@gmail.com)

1

**Resumo:** Neste breve relato pandêmico, Brenda Ríos convida os leitores ao sorriso cúmplice de quem pode se ver em muitas das situações descritas pela autora em primeira pessoa. Cozinhar para vinte e comer sozinha, acompanhar a vida do vizinho da frente, ser hostilizada nas redes por desconhecidos, ressignificar a família. E ao mesmo tempo perceber que o mundo e as dores de antes ainda perduram em um novo desgovernado que não sabemos para onde vai.

**Palavras-chave:** Pandemia. COVID-19. Tradução. Literatura mexicana. Brenda Ríos.

**Abstract:** In this brief pandemic account, Brenda Ríos invites the readers to share a smile with everyone who can project themselves in many of the situations described by the author in first person. Cook for twenty and eat alone, pry into the affairs of the front door neighbor, be harassed by strangers on the internet, reframe the family from a new perspective. And at the same time, realize that the world and the pains from before still remain in a new “ungoverned” which we do not know where will go.

**Keywords:** Pandemic. COVID-19. Translation. Mexican literature. Brenda Ríos.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

**B**renda Ríos nasceu em Acapulco, México, em 1975. É ensaísta, poeta e tradutora. Com uma grande circulação no cenário das artes mexicanas, dá oficinas de escrita, faz gestão cultural, dirige centros de cultura e faz parte de conselhos editoriais. No que diz respeito à sua publicação literária, entre outros reconhecimentos, recebeu o prêmio de poesia María Luisa Ocampo, em 2018. O seu ofício de tradutora e a sua relação com o Brasil podem ser comprovados não apenas no repertório de obras traduzidas – Machado de Assis, Adélia Prado, Assionara Souza -, mas também na presença de mulheres brasileiras nos ensaios *Del amor y otras cosas que se gastan con el uso. Ironía y silencio en la narrativa de Clarice Lispector* (2005) e *Raras. Ensayos sobre el amor, lo femenino, la voluntad creadora* (2019).

Neste breve relato que apresentamos em tradução, a autora sintetiza de maneira lúcida e irônica sentimentos e situações vividas durante o período de isolamento. O normal de antes e o novo agora dialogam em cenas cotidianas da Cidade do México. A formação de grupos, as listas e os conselhos para a pandemia também são tratados de maneira sagaz. E um parágrafo coloca em xeque a grande instituição mexicana. Sem romance ou idealismo, mas também longo de um relato realista cruel, Brenda Ríos nos convida a olhar para o lugar em que nos encontramos agora.

Para isso, se utiliza da metáfora da vida em sociedade como um carro desgovernado, que não é inédita. Em uma de suas formulações no campo da teoria social, Anthony Giddens (1999/2002) evocou o mito hindu do “Carro de Jagrená” (veículo que atinge uma velocidade vertiginosa em trajetória descendente, que não pode ser controlado e contra o qual os seres humanos se atiram para serem esmagados) para definir a modernidade como um projeto que, radicalizando suas consequências, com o esgarçamento de suas instituições, encontra limites para produzir ordem e estabilidade. Assim, atualizando a máxima marxista de que os “os homens fazem a própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha”, a metáfora serviu ao propósito de sustentar que a condução coletiva da modernidade pode acontecer apenas de maneira parcial. Como pano de fundo, esse argumento nos ajuda a contextualizar um exercício hipotético: e se a representação do carro desgovernado fosse substituída pela de um carro que pende em uma ribanceira? O que poderia nos levar a essa situação? Como seria a vida dentro desse carro em estado de espera que, aparentemente, nos nega qualquer tipo de condução?

O texto é ainda composto por uma série de imagens que podem ser consideradas clichês do período pandêmico. Para Hannah Arendt (1951/2013), os clichês têm a função de nos proteger da realidade (fatos e acontecimentos, em função de sua mera existência, exigem a

---

nossa atenção e pensamento). Nesse sentido, os clichês podem ser uma ferramenta linguística a serviço de ideologias autoritárias, na medida em que são usados para induzir letargia crítica, indiferença, distância entre pensamento e realidade. Em relação à pandemia e seus desdobramentos, o “novo normal” aflora como um clichê. E, então, Brenda Ríos, em um exercício de lucidez, nos convida a pensar na “primavera pandêmica” e na “normalidade bizarra”.

---

## JÁ SE PASSARAM DIAS INTERMINÁVEIS, TÃO EXTENSOS QUANTO QUILÔMETROS DE PRAIA VAZIA

Brenda Ríos

No dia 14 de março eu estava em uma feira do livro em Monterrey e lá soubemos que todas as feiras internacionais tinham suspenso suas atividades. No meu retorno à Cidade do México, alguns adiantaram a etapa de confinamento que oficialmente começou no dia 20 de março. Na véspera, consegui ir ao cinema e comer um *brownie* de chocolate. Foi quando soubemos, minha amiga e eu, que tinham decretado a quarentena.

No começo, tudo era parecido a um desses filmes que passam nos ônibus, algo entre a ficção-científica, o fim do mundo e doenças que matam rapidamente. A diferença é que, neste caso, duraria muito. Como não acreditei, fui para a casa da minha mãe, em Acapulco. Fiquei por lá durante quase duas semanas pensando que o pior aconteceria.

Voltei para a minha casa. Passei do mal humor infernal a uma tristeza que não sabia de onde vinha. Então, comecei a cozinhar. Nesses dias eternos, de mais de um mês, me limito a cozinhar, comer, trabalhar, dar uma volta na quadra para me lembrar que tenho pernas que funcionam. E a esperar com uma paciência que não tenho. Cozinho para vinte pessoas. E como tudo. A comida ajuda a nos sentirmos menos solitários. Preparo as receitas de família, tiro fotos e as envio para eles. Sinto falta dos meus amigos, mas para ser sincera, prefiro isso a encontrar as pessoas nesse tempo conflitivo. Porque não tenho paciência e todos me irritam. Não, não farei ioga. E vou me virar com a enxaqueca do jeito que der. Não conheço nenhum contaminado. O único que sabemos é que o vírus é real e não podemos sair.

Minha rua: a novidade é que todos usam máscaras no mercado. Mas manter a distância é impossível. Muitos estabelecimentos fecharam. Agora preciso passar por dois ou três lugares para comprar o que falta. Se não tenho vontade de sair, não é por medo do vírus, mas porque está difícil andar a pé com esse clima. A soalheira é outro castigo divino.

O clima: a Cidade do México sofre com a mudança climática. A temperatura aumentou vários graus nos últimos anos. Nesta primavera pandêmica, chegamos aos 31 graus em um ambiente seco e poluído. De noite, quando me viro na cama, meu corpo exala um vapor como se fosse um *dumpling* na panela. Comprei um ventilador, mas ele não ajuda muito. O problema é que a temperatura cai durante a madrugada e acordo com a garganta fechada. No começo, quase acreditei que estava com o maldito vírus. Faz quinze dias que não consigo dormir bem. É normal, dizem. Faça ioga, dizem. Coma bem. Tantos conselhos para o bem-estar me deixam

---

pior. Então começaram as enxaquecas. Agora, mesmo que pudesse, não sairia, pois o sol lá fora é uma arma. Diclofenaco com complexo B. Hoje de manhã, como se não bastasse, meu olho esquerdo começou a lacrimejar. Costuma acontecer quando a cidade está muito poluída. Saí peregrinando por comida. Fiz duas tentativas de correr no parque, mas desisti. Não tenho espírito de atleta, muito menos para o sacrifício.

Meus vizinhos gritam. Brigam. É normal. Todo o estranho que acontece agora está dentro de uma normalidade bizarra. Nosso humor parece uma panela de pressão. Meus amigos se dividem nas redes em dois grupos: os idiotas e os ingênuos. Os que acreditam que o mundo ressurgirá de uma nuvem negra e capitalista para dar lugar a outro, nobre e generoso. Meus Deus! Embora tenham frequentado a Universidade, parece que ainda estão nas aulas de catequese. E, depois, os piores, os que qualificam a humanidade como o pior vírus existente. Os que dizem: estão vendo as baleias no mar? Finalmente a natureza pode recuperar o que é seu por direito. Nós somos o mal, a humanidade merece a extinção etc etc.

Recentemente, republiquei uma notícia na qual pesquisadores de Harvard sugeriam que o confinamento se prolongará (de maneira intermitente) até 2022. Também republiquei a notícia de uma mulher, na Carolina do Norte, EUA, que esteve isolada o mês inteiro e, ao que parece, foi contaminada pela COVID por uma das sacolas plásticas na qual lhe levaram a comida. Escrevi: se o futuro for isso, uma vida confinada com medo de tocar em alguém ou em alguma coisa durante muito tempo, vale a pena viver? Pessoas que sequer conhecia me atacaram no mesmo instante. Me disseram que o meu *post* fazia mais estrago do que o próprio vírus, que minhas *fake news* (anunciadas em vários meios) eram alarmistas, que era uma idiota por acreditar naquilo (na mulher isolada ou nos pesquisadores?) e, por fim, claro, alguém me acusava de ser ignorante e não sei mais o quê. Como tinha que entregar um texto e não conseguia dar conta de tantas reclamações, apaguei a publicação. Era melhor fazer isso do que continuar. Minha ansiedade não dá conta de tudo. Não me lembro de ter sido atacada assim nas redes. Costumo conversar com pessoas próximas, amigos que conheço pessoalmente. E, de repente, do nada, aparecem pessoas para me xingar. Este é o humor imperante.

Parei de ver as notícias. Falo com a minha família que mora entre Acapulco e Zihuatanejo. Não me sinto mal por estar longe, mas a vida prática ganha outra dimensão: caso aconteça algo com algum deles, conhecemos a realidade dos hospitais regionais.

Foi na terceira semana que parei de ler sobre a contagem do número de vítimas no mundo. As medidas sanitárias. Os países governados por mulheres que são mais efetivos. As

---

listas de vinte mil coisas para fazer na quarentena. Me dou conta de que algumas pessoas acabaram de descobrir que têm uma casa e estão maravilhadas.

Os mexicanos amam a sua instituição mais engrandecida, a família. Que agora tenham tempo (e, provavelmente, falta de espaço) para revelar o monstro que sempre tiveram escondido embaixo da cama me parece castigo suficiente.

Os cachorros da sacada de um edifício ao lado são meu tormento. Latem todo o santo dia. Os gritos do gás, do carrinheiro, do lixo, irrompem com seu ar cotidiano neste tempo suspenso no limbo que não avança nem retrocede. Há um carro que pende na ribanceira e nós estamos dentro dele.

---

## HAN PASADO VARIOS DÍAS LARGOS, EXTENSOS COMO KILÓMETROS DE PLAYA SIN GENTE

Brenda Ríos

El 14 de marzo estaba yo en una feria de libro en Monterrey y nos tocó enterarnos que todas las ferias internacionales habían suspendido actividades. A mi vuelta a la Ciudad de México algunos adelantaron la etapa de confinamiento. Oficialmente sucedió el 20 de marzo. El día anterior alcancé a ir al cine y comer un brownie de chocolate. Ahí nos enteramos mi amiga y yo: habían declarado la cuarentena.

Al inicio todo parecía salido de una película de las que ponen en los autobuses, entre ciencia ficción, fin de mundo, enfermedades que provocan la muerte en lapsos breves de tiempo. Pero no. Esto iba a ser largo. Como no lo creí me fui a la casa de mi madre, en Acapulco. Allá estuve casi dos semanas pensando que pasaría lo peor.

Regresé a mi casa. Pasé del mal humor de perros a una tristeza venida de quién sabe dónde. Luego, comencé a cocinar. Estos días eternos, de hace más de un mes, se reducen a cocinar, comer, trabajar, dar la vuelta a la manzana para recordar que tengo unas piernas que funcionan. Y esperar con paciencia que no tengo. Cocino para veinte personas. Y me como todo. La comida ayuda en la soledad a sentirnos acompañadas. Hago las recetas de mi familia, les tomo fotos y se las mando. Extraño a mis amigos pero soy honesta, prefiero extrañar que estar en estos momentos tirantes con gente. Porque no estoy de humor y me enloquecen. Y no, no haré yoga y lidiaré con las jaquecas como pueda. No conozco a ningún afectado. Sólo sabemos que el virus es real y que no podemos salir.

Mi calle: la novedad es que todos traen cubrebocas en el mercado. Pero guardar la distancia es imposible. Muchos puestos cerraron. Debo ahora ir a dos o tres sitios a comprar lo que necesito. Si no quiero salir ahora no es por el miedo al virus sino porque el clima ya hace difícil moverse a pie. La resolana es otro castigo divino.

El clima: La Cdmx sufre el cambio climático y aumentó varios grados en pocos años. En esta primavera pandémica llegamos a los 31 grados en un ambiente seco y contaminado. En la noche al dar la vuelta en la cama sale un vapor como si uno fuera un *dumpling* en la olla. Compré un ventilador y ayuda un poco. El problema es que baja la temperatura en la madrugada y amezco con la garganta cerrada. Al inicio casi creí que tenía el dichoso virus. Llevo quince días sin dormir bien. Es normal, dicen. Que haya yoga, dicen. Que coma bien. Tanta instrucción para el bienestar me tiene mal. Luego comenzaron las jaquecas. Ahora, aunque pudiera salir

---

no quiero, el sol allá afuera es un arma. Diclofenaco con complejo B. Esta mañana, por si fuera poco, mi ojo izquierdo comenzó a llorar. Suele hacerlo cuando la ciudad está muy contaminada. He salido a excursiones de comida. Hice dos intentos de salir a trotar a un parque pero me rendí. No tengo espíritu deportista y menos del sacrificio.

Mis vecinos gritan. Pelean. Es normal. Todo lo extraño que suceda ahora será dentro de una normalidad bizarra. Tenemos un humor de olla exprés. Mis amigos en redes se dividen en dos tipos: los idiotas o los ingenuos. Los que creen que el mundo resurgirá de una nube negra y capitalista para dar paso a otro mundo, noble y generoso. Por Dios, esos aunque hayan ido a la universidad parecen salidos de Catecismo I. Y luego, los peores, los que califican a la humanidad como el peor virus existente. Los que dicen: ¿Ven las ballenas en el mar? Por fin, la naturaleza recobra lo que le pertenece. Nosotros somos el mal, la humanidad merece extinguirse, etc, etc.

8 Recientemente puse una noticia al respecto de que unos científicos de Harvard sugerían que el confinamiento se alargara (de manera intermitente) hasta el 2022. Al mismo tiempo, ese día estaba la noticia de una mujer en Carolina del Norte, EUA, que estuvo confinada un mes entero y al parecer la contaminó del COVID unas bolsas de plástico donde le habían llevado comida. Dije que si el futuro fuera eso: una vida confinada con temor a tocar algo/alguien por largo plazo si valdría la pena vivir. Gente que no conocía me atacó al instante. Me dijeron que mi post hacía más daño que el virus mismo, que mis *fake news* (anunciada en varios medios) eran alarmistas, que era una imbécil por creer eso (no sé si lo de la mujer confinada o de los científicos) y al final alguien, por qué no, me acusaba de ser ignorante y no sé qué más. Como debía entregar un texto y no podía atender tantos reclamos eliminé la publicación. Era mejor eso que darle seguimiento. Mi ansiedad no puede con todo. No recuerdo cuándo fui atacada de tal manera en redes. Suelo tener conversación con gente que es cercana a mí. Amigos a quien conozco en persona. Y de pronto gente de la nada aparece para insultarme. Ese es el ánimo imperante.

Dejé un rato de ver noticias. Hablo con mi familia que vive entre Acapulco y Zihuatanejo. No siento mal estar lejos, pero la vida práctica cobra otra dimensión: pensar si a alguno le pasa algo, sabemos la calidad de los hospitales regionales.

Fue en la semana tres que dejé de leer cómo iba el mundo con respecto al conteo de víctimas. Las medidas de sanidad. Los países gobernados por mujeres que son más efectivos. Las listas de las veinte mil cosas que hacer en esta cuarentena. Hay gente, por lo que veo, que apenas descubre que tiene casa y está maravillado.

---

Los mexicanos aman su institución más engrandecida, la familia, que ahora encuentren el tiempo (y, probablemente, la falta de espacio) para revelar el monstruo que siempre tuvieron debajo de la cama me parece un castigo suficiente.

Los perros del balcón de un edificio de enfrente es mi tortura. Ladran todo el puto día. Los gritos del gas, del ropavejero, de la basura, irrumpen con su aire cotidiano en estos tiempos suspendidos en un limbo que no avanza ni retrocede. Hay un auto con la mitad del cuerpo en un barranco y nosotros estamos adentro.

## REFERÊNCIAS

- Arendt, H. (2013). *As origens do Totalitarismo* (R. Raposo, Trad.). Companhia de bolso. (Tradução de: *The Origins of Totalitarianism*, 1951)
- Giddens, A. (2002). *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós* (M. L. Borges, Trad.). Record. (Tradução de: *Runaway World: How Globalisation Is Reshaping Our Lives*, 1999)
- Marx, K. (2011). *O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte* (N. Schneider, Trad.). Boitempo. (Tradução de: *Der achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte*, 1852)